



Escapando do inferno

Alexandre Santos

Conta uma breve história de Firmino, que, na sequência de uma infância conturbada, entrou para o crime, passou uma temporada na cadeia e, depois de viver a mendicância, finalmente, encontrou a Paz.

Firmino já não estava mais em si, alternando momentos de vigília (cada vez mais curtos) e momentos de ausência (cada vez mais longos). Não sabia mais quem era, onde estava, sequer se estava vivo. Nos raros e curtos momentos de vela, com o corpo encharcado de suor, vômito e excrementos e tomado por calafrios incontroláveis, ele ouvia gritos de dor (inclusive os seus), sentia cheiros nauseabundos de corpos sujos e ensanguentados (inclusive o seu). Talvez estivesse num hospital ou, quem sabe, no próprio inferno. "Eu fiz por merecer", Firmino pensou antes de, mais uma vez, perder a consciência. [Ele] Lembrava vagamente de que, quando era menino, ainda correndo seminu pelos becos imundos da zona portuária de Nossa Senhora de Valverde, sua mãe, uma mulata de cabelos loiros por todos chamada de Veruska BBBB, não aliviava o chinelo e, dizendo que ele não teria o mesmo destino do seu irmão mais velho (que Firmino jamais chegara a conhecer e, segundo soube tempos mais tarde, morrera pouco depois de completar 15 anos baleado pela polícia, num episódio referido pela imprensa como a 'Chacina da Matriz', pois ocorrera ao lado da igreja), [sua mãe] fez de tudo, primeiro, para mantê-lo longe da molecada da vizinhança e, depois, para interná-lo num seminário. Veruska, coitada, não obteve sucesso em qualquer dos seus intentos. Primeiro, porque, com horário incerto de trabalho, ela não tinha como controlar a vida do menino, o qual, ainda sem entender as coisas (só depois de muito tempo, Firmino foi compreender as coisas que a mãe fazia e o porquê do seu apelido [dela, da mãe]), ao invés de ficar em casa ou na Escola da prefeitura, [Firmino] aproveitava os momentos nos quais a mãe lutava pelo pão-de-cada-dia para fazer as amizades e as traquinagens que, um dia, levaram seu irmão à desgraça. Depois, porque, conhecendo a profissão de Veruska, sem ser contestado por qualquer padre ou diácono (nem mesmo por aqueles que a frequentavam regularmente), o prior deixara claro que igreja não é lugar para filho da puta e, sem dar maiores explicações, recusou a matrícula do menino.

No seu devaneio febril, Firmino fez várias viagens no tempo. Numa delas, em meio às lágrimas de sempre, ele lembrou quando, já adolescente, sua mãe precisou chupar o pau do comissário - um desgraçado que, sob uma acusação qualquer, o prendera e o surrara até cansar - [chupara] para obter a sua liberdade

e, depois, já em casa, dizendo protegê-lo, agiu como se também fosse da polícia, surrando-o mais uma vez e trancando-o em casa, num castigo logo relaxado pelo próprio coração-de-mãe.

Noutra viagem ao passado, Firmino recordou quando, já livre da tutela da mãe, depois de pequenos furtos, começou a trabalhar para Manelato (homem violento, temido e respeitado, único sobrevivente da Chacina da Matriz, que assumira o comando do bairro) e, com algum dinheiro no bolso, vivera os melhores anos da sua vida. Aquela vida de aventuras e de farras só durou até [ele] cair nas mãos da polícia. Desta vez, sem a mãe para salvá-lo, apanhou até não mais aguentar, servindo de saco de pancadas para tantos quantos nele quisessem bater. Dias depois, com o corpo alquebrado, algumas costelas partidas e coberto de hematomas, Firmino foi transferido para a penitenciária estadual, onde conheceu o inferno na Terra, sendo agredido e violentado sistematicamente durante um tempo que jamais soube precisar, até contrair doenças que lhe roubavam o fôlego e a vontade de viver.

Em mais um salto, as lembranças o levaram ao tempo quando, já solto, sem ter para onde ir, [sem ter] o que comer, [sem ter] com quem ficar e, mesmo, sem saúde para buscar trabalho ou, mesmo, roubar (como sempre fizera nos momentos de necessidade), Firmino recorreu à caridade e, sentado à porta da igreja matriz, a poucos metros de onde seu irmão fora executado pela polícia, com a mão estendida àqueles que passavam, recolhia tostões dados pelo amor de Deus. Foram poucos meses de humilhação, pois, indo e vindo como as ondas no cais do porto, a doença que o livrara da cadeia se agravou na temporada das chuvas e, mal dando para o pão, as esmolas eram insuficientes para comprar um cobertor ou para os remédios que poderiam salvá-lo.

Agora, o mal estava findo. Já sem febre, tosses ou dores, Firmino viu quando, ao lado de um rapaz que se parecia muito com ele, cercada pela luz mais bonita que já vira, sua mãe abriu um sorriso para abraçá-lo e, gentilmente, conduzi-lo ao reino de Deus.

Pronto! Acabara o sofrimento de Firmino, que, em vida, nunca tivera a chance de ser feliz.

(*) Alexandre Santos é o coordenador nacional da Câmara Brasileira de Desenvolvimento Cultural